

ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS DO VERBO ‘PERIGAR’

ASPECTOS SINTÁCTICOS Y SEMÁNTICOS DEL VERBO ‘PERIGAR’

SYNTACTIC AND SEMANTIC ASPECTS OF ‘PERIGAR’ VERB

Luiz Fernando Ferreira*

Universidade Federal de Roraima

Núbia Ferreira Rech**

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: ‘Perigar’ é um verbo que aparece em diversas construções do Português Brasileiro (PB), como em ‘periga chover’, e suas características gramaticais ainda não foram descritas. Para preencher essa lacuna, apresenta-se uma descrição sintática de ‘perigar’, seguindo a cartografia sintática (Cinque, 1999, 2006; Cinque; Rizzi, 2008; Drubig, 2001; Tsai, 2015), e uma descrição semântica, seguindo a semântica formal (Kratzer, 1981, 1991; Condoravdi, 2002; von Stechow, 2006; von Stechow; Heim, 2011; Hacquard, 2011). Para essa descrição, adotou-se dois procedimentos metodológicos: (i) coleta e análise de dados naturalísticos/espontâneos a partir da rede social *Facebook* e (ii) testes sintáticos e semânticos seguindo o método introspectivo. A primeira etapa resultou em um banco com cem sentenças contendo o verbo ‘perigar’, que foram analisadas sintática e semanticamente, servindo para formular hipóteses sobre o comportamento desse verbo. Os testes sintáticos e semânticos seguindo o método introspectivo foram empregados em um segundo momento. O objetivo dos testes sintáticos foi determinar se ‘perigar’ era um verbo auxiliar modal ou se era um verbo lexical. O objetivo dos testes semânticos foi determinar quais aspectos do sentido estavam codificados lexicalmente. Os testes sintáticos mostraram que se trata de um verbo lexical inacusativo. Já os testes semânticos mostraram que ele se assemelha a verbos auxiliares modais em alguns pontos, como o fato de tomar apenas uma proposição como argumento e realizar uma quantificação existencial, mas também se assemelha a verbos lexicais em outros pontos, como o fato de que possui o tipo de modalidade lexicalmente codificada.

PALAVRAS-CHAVE: Perigar. Verbo modal. Verbo lexical. Cartografia sintática. Semântica formal.

RESUMEN: ‘Perigar’ es un verbo que aparece en varias construcciones del Portugués Brasileño (BP), como en ‘periga chover’, y sus características gramaticales aún no han sido descritas. Para llenar este vacío, presentamos una descripción sintáctica de ‘perigar’

* Professor do Centro de Comunicação, Letras e Artes e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, Línguas Indígenas e a interface entre Linguística e Educação. E-mail: fernando.ferreira@ufrr.br.

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, investigando principalmente os seguintes temas: aspecto e modalidade. E-mail: nubiarech1971@gmail.com.

siguiendo la cartografía sintáctica (Cinque, 1999, 2006; Cinque; Rizzi, 2008; Drubig, 2001; Tsai, 2015), y una descripción semántica, siguiendo la semántica formal (Kratzer, 1981, 1991; Condoravdi, 2002; von Stechow, 2006; von Stechow; Heim, 2011; Hacquard, 2011). Para esta descripción, se adoptaron dos procedimientos metodológicos: (i) recolección y análisis de datos naturalistas/espontáneos de la red social Facebook y (ii) pruebas sintácticas y semánticas siguiendo el método introspectivo. La primera etapa resultó en una base de datos con cien oraciones que contienen el verbo ‘perigar’, las cuales fueron analizadas sintácticamente y semánticamente, sirviendo para formular hipótesis sobre el comportamiento de este verbo. En una segunda etapa se utilizaron pruebas sintácticas y semánticas siguiendo el método introspectivo. El objetivo de las pruebas sintácticas era determinar si ‘perigar’ era un verbo auxiliar modal o si se trataba de un verbo léxico. El objetivo de las pruebas semánticas era determinar qué aspectos del significado estaban codificados léxicamente. Las pruebas sintácticas demostraron que se trata de un verbo léxico inacusativo. Las pruebas semánticas han demostrado que se parece a los verbos auxiliares modales en algunos puntos, como el hecho de que toma sólo una proposición como argumento y realiza una cuantificación existencial, pero también se parece a los verbos léxicos en otros puntos, como el hecho de que tiene el tipo de modalidad codificada léxicamente.

PALABRAS CLAVE: Perigar. Verbo modal. Verbo léxico. Cartografía sintáctica. Semántica formal.

ABSTRACT: ‘Perigar’ is a verb that appears in several constructions of Brazilian Portuguese (BP), such as in ‘periga chover’, and its grammatical features were not yet described. In order to fill this gap, we provide a syntactic description following syntactic cartography (Cinque, 1999, 2006; Cinque; Rizzi, 2008; Drubig, 2001; Tsai, 2015) and a semantic description following formal semantics (Kratzer, 1981, 1991; Condoravdi, 2002; von Stechow, 2006; von Stechow; Heim, 2011; Hacquard, 2011). To provide such a description, we have adopted two methodological procedures: (i) collecting and analyzing spontaneous data from Facebook and (ii) applying syntactic and semantic tests using the introspective method. In the first step, we were able to get one hundred sentences with the verb ‘perigar’ which were analyzed syntactically and semantically in order to formulate some hypothesis about this verb. In order to test them, we have done some syntactic and semantic tests using the introspective method. The syntactic tests’ goal was to verify if it was an auxiliary modal verb or if it was a lexical verb. The semantic tests’ goal was to verify which aspects were lexicalized. The syntactic tests have shown that it can be considered an unaccusative lexical verb. On the other hand, the semantic tests have shown that it resembles modal verbs in some aspects since it takes only a proposition as an argument and has an existential quantification force, but it also resembles lexical verbs in some aspects since the modal base is lexicalized in the verb.

KEYWORDS: Perigar. Modal verb. Lexical verb. Syntactic cartography. Formal semantics.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é descrever o verbo ‘perigar’ no português brasileiro (doravante PB), tanto em relação aos seus aspectos semânticos quanto em relação aos aspectos sintáticos. Tal verbo aparece em construções no PB como ilustrado em (01), um registro dos anos 80.

(01) Se eu te disser, **periga** você não acreditar em mim.

(Óculos, Música dos Paralamas do Sucesso, 1984)

O ‘perigar’ parece carregar um sentido de modalidade, uma vez que a contribuição dele para a sentença parece ser a de indicar a possibilidade de algo acontecer. Por exemplo, podemos parafrasear a sentença em (01), substituindo ‘perigar’ por ‘ser possível’, como ilustrado em (02).

(02) Se eu te disser, **é possível que** você não acredite em mim.

Grosso modo, podemos considerar que uma sentença expressa possibilidade quando a situação que ela descreve é compatível com a nossa realidade, mas não necessária. Sendo assim, quando um falante enuncia uma sentença como (01), o que ele diz é que a situação de você não acreditar em mim está de acordo com a realidade, mas sem se comprometer com o fato de essa situação ocorrer.

O PB possui uma série de elementos que podem ser empregados para expressar a ideia de possibilidade. Por exemplo, podemos expressar possibilidade a partir de adjetivos, como ilustrado em (3a); advérbios modalizadores, como exibido em (3b-c); nomes,

como apresentado em (3d); verbos modais lexicais, como exposto em (3e); verbos modais funcionais, como exemplificado em (3f); e até mesmo a partir de morfemas, como demonstrado em (3g).

- (03) a. É **possível/provável** que chova.
 b. **Possivelmente/provavelmente** vai chover.
 c. **Talvez** chova.
 d. Há uma **possibilidade/probabilidade** de chover hoje.
 e. **Parece** que vai chover.
 f. **Pode** chover.
 g. Esse tênis é **lavável** (possível de ser lavado).

Dessa forma, a possibilidade pode ser expressa por itens de diferentes classes e/ou por diversas construções. Itens que indicam a possibilidade de uma situação ocorrer são caracterizados como modais, uma vez que a possibilidade é um tipo de força modal. A modalidade é definida, na semântica formal, como a expressão de necessidades e possibilidades (Kratzer, 1991). Sendo assim, sentenças que expressam tanto uma possibilidade, como em (04a), quanto uma necessidade, como em (04b), são consideradas sentenças modais.

- (04) a. João **pode** dirigir, ele tem 18 anos.
 b. João **tem que** usar cinto de segurança.

As pesquisas sobre a expressão da modalidade no PB têm focado principalmente em aspectos sintáticos e semânticos dos verbos modais ‘dever’, ‘ter que’ e ‘poder’ (cf.: Pires de Oliveira; Scardueli, 2009; Rech, 2011; Rech; Giachin, 2014; Pires de Oliveira; Pessotto, 2010; Pessotto, 2011, 2014, 2015; Mendes, 2019; Ferreira, M., 2020). No entanto, há descrições sobre advérbios modalizadores (Marques, 2012; Tosqui; Longo, 2003) e morfemas modais (Resende; Rech, 2020). Apesar dessas descrições, há uma série de elementos no PB que são usados para expressar a modalidade e que, até onde podemos constatar, não receberam nenhuma descrição/tratamento na literatura, nem do ponto de vista sintático e nem do semântico. Podemos citar, como exemplo, o verbo ‘perigar’, ilustrado em (05a); o verbo ‘ameaçar’, exibido em (05b); e a expressão ‘com cara’, apresentada em (05c).

- (05) a. **Periga** chover.
 b. Tá **ameaçando** chover.
 c. Tá **com cara** que vai chover.

As expressões em (05) parecem ser modais, uma vez que elas podem ser parafraseadas com ‘É possível que chova’, preservando o sentido original. Dentre essas expressões, este artigo focará na descrição de aspectos sintáticos/semânticos do verbo ‘perigar’. Esse verbo parece ter sido derivado a partir do substantivo ‘perigo’¹. Por se tratar de um verbo, uma pergunta inicial levantada por este artigo é se ‘perigar’ teria uma estrutura sintática e semântica semelhante à de verbos lexicais que expressam possibilidade, tal como ‘parecer’, ilustrado em (03e), ou uma estrutura sintática e semântica semelhante à de verbos auxiliares modais que expressam possibilidade, assim como o verbo modal ‘poder’, em (03f). Uma outra pergunta que podemos levantar é se ele teria diferenças em relação à sua sintaxe e semântica quando comparado a outros verbos que indicam possibilidade, ou se não haveria uma diferença gramatical, mas sim estilística, sendo ‘perigar’ uma alternativa menos formal de expressar uma possibilidade.

A fim de realizar a descrição desse verbo, adotou-se duas etapas: (i) coleta e análise de dados naturalísticos/espontâneos em redes sociais e (ii) realização de testes sintáticos e semânticos seguindo o método introspectivo. A primeira etapa consistiu na coleta de

¹ Um(a) parecerista anônimo(a) pontuou que, em alguns dialetos do PB, é possível falar “sem/zero perigo de X”. Exemplos dessa estrutura seria “zero perigo de eu correr hoje” ou “zero perigo de alagamento aqui”. Essas construções com o substantivo ‘perigo’ também têm uma interpretação modal, uma vez que podem ser parafraseadas como “zero possibilidade de eu correr hoje” ou “zero possibilidade de alagamento aqui”. Isso nos mostra que a interpretação modal não é exclusiva do verbo ‘perigar’, mas já está presente no substantivo. É possível que, no processo de gramaticalização, ‘perigo’ tenha desenvolvido primeiramente um sentido modal para posteriormente ocorrer como um verbo.

dados naturalísticos/espontâneos em *posts* abertos da rede social *Facebook*. Essa coleta resultou em um banco de dados contendo cem sentenças com o verbo ‘perigar’.

As sentenças do nosso banco de dados foram analisadas e classificadas morfossintaticamente e semanticamente de acordo com: (i) a morfologia Tempo, Aspecto e Modo (TAM) presente no verbo; (ii) a perspectiva temporal; (iii) a orientação temporal; (iv) o sujeito da encaixada; (v) o alicamento de sujeito; (vi) o tipo de complemento; (vii) o tipo de modalidade; (viii) a força modal e, por fim; (ix) o sentimento associado à proposição no escopo de ‘perigar’.

A partir do comportamento do verbo observado na primeira etapa, formularam-se hipóteses sobre as características sintáticas e semânticas desse verbo. Para testá-las, aplicamos testes sintáticos e semânticos, empregando o método introspectivo. Os testes sintáticos foram aplicados para se determinar se ‘perigar’ é um verbo auxiliar modal ou um verbo lexical. Já os testes semânticos serviram para determinar se o verbo ‘perigar’ codifica sentidos lexicalmente como um verbo auxiliar modal ou como um verbo lexical.

Os testes sintáticos mostraram que ‘perigar’ pode ser considerado um verbo lexical inacusativo. Já os testes semânticos evidenciaram que ele se assemelha a verbos auxiliares modais por tomar apenas uma proposição como argumento e realizar uma quantificação existencial, mas também se aproxima de verbos lexicais pelo fato de o tipo de modalidade ser lexicalmente codificada. Desse modo, argumentamos que ele não pode ser visto apenas como uma alternativa menos formal de outros verbos que indicam possibilidade, como ‘parecer’ e/ou ‘poder’, dado que ele possui características morfossintáticas e semântico-pragmáticas próprias, que o diferenciam deles.

Assim, este artigo está dividido em cinco partes das quais esta introdução foi a primeira. A segunda seção descreve o arcabouço teórico desta pesquisa, explorando conceitos da cartografia sintática e da semântica formal que serão mobilizados no restante do artigo para a análise de ‘perigar’. A terceira seção apresenta com mais detalhes a metodologia empregada por esta pesquisa. A quarta seção expõe os resultados da pesquisa. Por fim, a quinta e última seção traz as considerações finais.

2 ARCABOUÇO TEÓRICO

Como mencionamos, este trabalho analisa os aspectos sintáticos e semântico-pragmáticos do verbo ‘perigar’. A análise sintática é feita com base nos pressupostos da cartografia sintática, e a análise semântica está fundamentada nos pressupostos da semântica formal. Como mencionado na introdução, o verbo ‘perigar’ parece expressar modalidade, uma vez que pode ser parafraseado por ‘É possível que’. Desse modo, exploraremos como os verbos que expressam modalidade são tratados na cartografia sintática e na semântica formal nas subseções abaixo.

2.1 A SINTAXE DOS VERBOS QUE INDICAM POSSIBILIDADE

A nossa pesquisa segue os pressupostos da cartografia sintática, que busca detalhar a estrutura de uma sentença: “[...] The cartography of syntactic structures is the line of research which addresses this topic: it is the attempt to draw maps as precise and detailed as possible of syntactic configurations” (Cinque; Rizzi, 2008, p. 42). Guglielmo Cinque é um dos mais importantes representantes do modelo cartográfico, investigando o ordenamento de núcleos funcionais através das línguas. A sua pesquisa culminou na postulação de uma hierarquia de núcleos funcionais (Cinque, 1999), resultante da aplicação de testes de precedência e transitividade com itens funcionais indicadores de modo, modalidade, tempo e aspecto. A partir da aplicação desses testes, o autor constata que há um único ordenamento possível para os núcleos funcionais (Cinque, 1999; Cinque; Rizzi, 2008). Os exemplos (06) e (07), da língua crioula Sranan, ilustram como se aplicam tais testes:

- (06) A ben kan nyan.
 Ele PAST pode comer
 “Ele podia comer” (Cinque, 1999, p. 60).

- (07) A kan ben e nyan.
 Ele pode PAST PROG comer
 “Ele pode ter estado comendo” (Cinque, 1999, p. 60).

Em (06), o item modal *kan* (poder) segue a partícula *ben*, a qual indica tempo passado. Nessa posição, *kan* corresponde a um modal de raiz, denotando modalidade habilitativa ou deôntica. Já em (07), *kan* antecede a partícula *ben*, denotando modalidade epistêmica. Esses exemplos mostram que a modalidade epistêmica se relaciona com tempo de modo diferente que as modalidades habilitativa e deôntica. De testes como esse, Cinque deduz uma parcela da hierarquia:

- (08)...ModEpistemic > TP(Past) > ModAbility/ModPermission...

O ordenamento parcial transcrito em (08) mostra que o núcleo modal epistêmico ocupa uma posição mais alta na estrutura da sentença que os demais núcleos modais e, até mesmo, mais alta que tempo.

Para confirmar ordenamentos como os deduzidos em (08), o autor realiza testes envolvendo diferentes núcleos funcionais e em diferentes línguas. A seguir, transcrevemos exemplos do italiano, em que é investigado o ordenamento de verbos modais em relação à categoria AspInceptivo:

- (09) a. Ci comincia a dover andare anche di notte.
 Lá (ele) começa a ter que ir também de noite.
 b. Lo comincio a poter suonare solo adesso.
 (Eu) começo a poder jogar somente agora.
- (10) a. Gli deve cominciare ad essere garantito il loro appoggio.
 Para ele deve começar a ter seu apoio garantido.
 b. Questa responsabilità non gli può cominciare ad essere attribuita di nuovo.
 Esta responsabilidade não lhe pode começar a ser atribuída de novo.

Na sentença (09a), o aspectual inceptivo *cominciare* (começar) antecede o modal *dovere* (dever), que assume uma conotação de obrigação. Em (09b), *cominciare* antecede *potere* (poder), que assume uma conotação de habilidade. Em (10), a ordem dos verbos é invertida, e *dovere* e *potere* passam a anteceder *cominciare*, em (10a) e (10b), respectivamente. Quando os verbos modais aparecem antes do verbo aspectual inceptivo, uma única leitura é disponibilizada ao modal: a epistêmica. Esse teste confirma o modal epistêmico em uma posição acima dos outros modais e do aspectual inceptivo.

A partir da realização de testes de precedência e transitividade, envolvendo diferentes núcleos funcionais através das línguas, Cinque (1999, 2006) postula a hierarquia de núcleos funcionais, como um princípio das línguas naturais. Isso significa que todas as línguas teriam as mesmas categorias e na mesma ordem, mesmo que algumas delas possam não ser lexicalizadas por um item funcional. Em (11), transcrevemos uma versão da hierarquia de Cinque em que figuram os núcleos modais em relação a categorias de modo, tempo e aspecto:

- (11) [Moodspeech act [Moodevaluative [Moodevidential [**Modepistemic**
 [Tense(Past) [Tense(Future) [Moodirrealis [Modalethic [Aspecthabitual [Aspectrepetitive(I) [Aspectfrequentative(I) [Modvolition
 [Aspectcelerative(I) [Tenseanterior [Aspectterminative [Aspectcontinuative [Aspectretrospective [Aspectproximative
 [Aspectdurative [Aspectgeneric/progressive [Aspectprospective [**Modobligation** [**Modability** [Aspectfrustrative
 [**Modpermission** [Aspectcompletive [Voicepassive [Aspectcelerative(II) [Aspectrepetitive(II) [Aspectfrequentative(II)
 (Cinque; Rizzi, 2008, p. 12; 93, grifo nosso)

Nessa hierarquia, mesmo que ainda parcial, é possível verificar o ordenamento dos núcleos modais entre si e em relação a categorias de modo, tempo e aspecto. O núcleo modal epistêmico, por exemplo, está localizado em uma posição bem alta na hierarquia, fruto de testes de ordenamento sintático com categorias de tempo e aspecto. Já os núcleos denominados de raiz (*Modobligation*, *Modability* e *Modpermission*) ocupam posições baixas, seguindo as categorias de tempo e a maioria das categorias de aspecto.

Em nossa pesquisa, vamos seguir os pressupostos da cartografia sintática e adotar a metodologia empregada por Cinque (1999, 2006) — testes de precedência e transitividade — para investigar se o verbo ‘perigar’ tem propriedades de um núcleo funcional, sujeito a um ordenamento rígido.

2.2 A SEMÂNTICA DE VERBOS QUE EXPRESSAM POSSIBILIDADE

Ao enunciar uma sentença que descreve uma possibilidade, como ‘pode chover amanhã’, um falante não está se comprometendo com a facticidade de chover amanhã, mas sim contemplando a possibilidade de tal evento ocorrer, como também de não ocorrer. Na semântica formal, possibilidades e necessidades são consideradas dois tipos de forças modais. Dessa forma, os verbos que expressam modalidade costumam ser classificados em: (i) fracos, quando expressam uma possibilidade, e (ii) fortes, quando denotam uma necessidade. Por exemplo, no português, o verbo ‘ter que’, ilustrado em (04b) (repetido abaixo como (12b)), exprime uma modalidade forte (i.e. uma necessidade), enquanto o verbo ‘poder’, exibido em (04a) (repetido abaixo como (12a)), exprime uma modalidade fraca (i.e. uma possibilidade).

- (12) a. João **pode** dirigir, ele tem 18 anos.
b. João **tem que** usar cinto de segurança.

Por exemplo, em (12a), o verbo modal ‘poder’ indica que, em parte das possibilidades sendo consideradas, João dirige, havendo também possibilidades nas quais ele não dirige, enquanto que, em (12b), o verbo modal ‘ter que’ indica que, em todas as possibilidades sendo consideradas, João usa cinto de segurança.

Na semântica formal, as possibilidades são conceitualizadas como diferentes formas que o nosso mundo poderia ser, ou seja, mundos possíveis (Lewis, 1986, p. 5). A classificação em fracos e fortes é geralmente descrita na semântica como diferentes formas de quantificar mundos possíveis. Por exemplo, um modal forte, como ‘ter que’, em (12b), quantifica todas as possibilidades, isto é, todos os mundos possíveis. Quando se diz que ‘João tem que usar cinto de segurança’, não se admite nenhuma possibilidade de ele não usar cinto, ou seja, todos os cenários que estão de acordo com as leis de trânsito são cenários nos quais João usa cinto. Esse tipo de quantificação é chamada de quantificação universal e é representada na lógica por \forall . Por outro lado, um modal fraco, como ‘poder’, quantifica parte dos mundos possíveis. Quando se afirma que ‘João pode dirigir’, se está admitindo, de acordo com as leis de trânsito, tanto cenários nos quais ele dirige quanto cenários nos quais ele não dirige. Essa quantificação é chamada de quantificação existencial e é representada na lógica por \exists . Dessa forma, o primeiro aspecto que devemos considerar quando descrevemos um modal é se ele faz uma quantificação existencial ou universal sobre mundos possíveis. Na semântica formal, os aspectos do significado que um item expressa são representados a partir de formas lógicas, como ilustrado em (13).

- (13) a. $\llbracket \text{poder} \rrbracket^w = \lambda p. \exists w' [w' \in p]$

Em palavras: O verbo ‘poder’, enunciado em um mundo w , toma uma proposição p como argumento e retorna que existem mundos possíveis w' compatíveis com essa proposição p .

- b. $\llbracket \text{ter que} \rrbracket^w = \lambda p. \forall w' [w' \in p]$

Em palavras: O verbo ‘ter que’, enunciado em um mundo w , toma uma proposição p como argumento e retorna que, para todos os mundos possíveis w' , essa proposição p é compatível com w' .

As formas lógicas em (13) não refletem a semântica dos verbos auxiliares modais em sua totalidade, uma vez que elas apenas indicam a força modal que o item expressa, ou seja, se ele expressa uma necessidade (\forall) ou possibilidade (\exists). No entanto, esse não é o único aspecto semântico relevante quando se discute a semântica de itens modais. Um outro aspecto que devemos levar em conta é o tipo de modalidade que um item pode expressar. Existem vários tipos de modalidade (cf.: von Fintel, 2006; Hacquard, 2011) que dependem dos critérios que usamos para considerar as possibilidades. Por exemplo, em (14a), estamos considerando que João dirigir é possível dado o nosso conhecimento de mundo, uma vez que ver a habilitação dele é a nossa evidência, o que nos permite afirmar que ele pode dirigir. Quando as possibilidades são contempladas a partir das evidências/conhecimento do falante, a modalidade é chamada de epistêmica. Já em (14b), estamos considerando que João dirigir é possível dadas as leis de trânsito do Brasil, que permitem que qualquer pessoa **habilitada** dirija a partir dos 18 anos de idade. Quando as possibilidades são contempladas a partir das leis/regras, a modalidade é chamada de deôntica. Já em (14c), estamos considerando que João dirigir é possível dadas as circunstâncias que não permitiam que ele dirigisse antes, pois o carro estava quebrado, mas que agora permitem, pois o veículo está consertado. Quando as possibilidades são contempladas por meio das circunstâncias, a modalidade é chamada de circunstancial. Já em (14d), estamos considerando que João dirigir é possível dado o desejo do falante em ganhar uma carona. Quando as possibilidades são contempladas a partir dos desejos, a modalidade é chamada de bulética.²

- (14) a. O João pode dirigir, eu vi uma habilitação na carteira dele.
(epistêmica)
b. O João já pode dirigir, ele completou 18 anos.
(deôntica)
c. O João pode dirigir, o carro está funcionando agora.
(circunstancial)
d. O João bem que podia dirigir, preciso de uma carona para a festa.
(bulética)

Como ilustrado em (14), uma característica dos verbos modais é a flexibilidade em relação ao tipo de modalidade que podem expressar. A depender do contexto, um verbo modal como ‘poder’ é capaz de expressar modalidade epistêmica, deôntica, bulética, circunstancial, etc. O tipo de modalidade pode ser formalizado como uma relação R entre o mundo atual w , no qual o modal foi enunciado, e os mundos possíveis w' , sendo considerados $R(w, w')$, como exibido em (15).

- (15) a. $\llbracket \text{poder}_R \rrbracket^w = \lambda p. \exists w' [R(w, w') \ \& \ w' \in p]$

Em palavras: O verbo ‘poder’, em um mundo w , toma uma proposição p como argumento e retorna que existem mundos possíveis w' e que esses mundos possíveis são acessíveis a partir do mundo real w , por meio de uma relação de acessibilidade R , e que esses mundos possíveis são compatíveis com a proposição p .

- b. $\llbracket \text{ter que}_R \rrbracket^w = \lambda p. \forall w' [R(w, w') \rightarrow w' \in p]$

Em palavras: O verbo ‘ter que’, em um mundo w , toma uma proposição p como argumento e retorna que, para todos os mundos possíveis w' , se eles são acessíveis a partir do mundo real w por meio de uma relação de acessibilidade R , eles são compatíveis com a proposição p .

Devido à flexibilidade dos verbos modais observada em (14), Kratzer (1977) assume que a força modal é o único aspecto dos verbos que é semântico, uma vez que a força do modal é constante, independente do contexto. Desse modo, a força é lexicalizada na denotação do verbo, como ilustrado por $\exists w'$ (modal fraco) e $\forall w'$ (modal forte) em (15). O tipo de modalidade, por outro lado, seria um aspecto pragmático, já que não é um aspecto constante, mas muda de acordo com o contexto. Isso está representado em (15), visto que a relação de acessibilidade R entre o mundo atual w e os mundos possíveis w' não é especificada. No entanto, esse não seria o caso para todos os verbos. Os de atitude proposicional, por exemplo, podem expressar apenas um tipo de modalidade. É o caso do

² Essa não é uma apresentação exaustiva dos tipos de modalidade, mas apenas alguns exemplos a título de ilustração (cf.: von Fintel, 2006; Hacquard, 2011).

verbo ‘achar’ em (16a), que só pode expressar modalidade epistêmica, enquanto que o ‘querer’, em (16b), só pode expressar modalidade bulética.

- (16) a. Maria acha que João dirige.
b. Maria quer que João dirija.

Ao formalizar a denotação de um verbo que expressa apenas um tipo de modalidade, esse tipo de modalidade deve vir especificado na denotação. Por exemplo, na denotação do verbo ‘achar’ em (17), podemos observar que a relação R é do tipo epistêmica. Isso significa que os mundos possíveis w' só podem ser acessados com base nas evidências.

- (17) a. $\llbracket \text{achar} \rrbracket^w = \lambda p. \lambda x. \forall w' [R^{\text{EPIST}}(w, w', x) \& w' \in p]$

Em palavras: O verbo ‘achar’, em um mundo w , toma uma proposição p e um indivíduo x como argumentos e retorna que, para todos os mundos possíveis w' , se esses mundos possíveis w' são acessíveis a partir do mundo real w por meio de uma relação de acessibilidade R epistêmica com base nas evidências que o indivíduo x possui, esses mundos possíveis são compatíveis com a proposição p . (adaptado de von Fintel; Heim, 2011)

Outro aspecto que distingue um verbo de atitude proposicional como ‘achar’ de um auxiliar modal é o número de argumentos que ele toma. Os verbos auxiliares modais tomam como argumento apenas uma proposição, como ilustrado em (15) por λp . Os verbos de atitude proposicional, por outro lado, tomam dois argumentos, uma proposição e um indivíduo, conforme apresentado por $\lambda p. \lambda x$. em (17). Essa característica é perceptível se pensarmos que esses verbos expressam a atitude de um indivíduo em relação a uma proposição, visto que ‘um indivíduo ACHA alguma coisa’ ou ‘um indivíduo QUER alguma coisa’.

Sendo assim, as formas lógicas resumem a análise semântica e, se tratando de itens modais, há três partes que sintetizam a nossa análise, como exposto em (18). A primeira parte, que indica o número de argumentos que esse item toma; a segunda parte, que indica o tipo de quantificação realizada, ou seja, essa parte indica se o modal é fraco ou forte; e a terceira parte $R(w, w')$, que indica se a relação de acessibilidade que se estabelece entre o mundo atual w e os mundos possíveis w' é de um tipo específico.

- (18) a. $\llbracket \text{poder}_R \rrbracket^w = \lambda p. \quad \overset{1^a}{\exists w'} \quad \overset{2^a}{[R(w, w')] \& w' \in p] \overset{3^a}{^3}$
b. $\llbracket \text{achar} \rrbracket^w = \lambda p. \lambda x. \forall w' [R^{\text{EPIST}}(w, w', x) \& w' \in p]$

Além da força modal e do tipo de modalidade, outros dois conceitos relevantes na descrição dos verbos que expressam modalidade são a perspectiva temporal e a orientação temporal. Tais conceitos foram apresentados por Condoravdi (2002), em que a perspectiva temporal é o tempo que as evidências/leis etc. estão sendo consideradas, enquanto que a orientação temporal é o tempo de avaliação da proposição p no escopo do modal em relação a esse modal. Por exemplo, em (19a), o falante afirma que, com base nas evidências que ele tem no presente (i.e. as luzes estarem acesas), é possível que a proposição p ‘João estar em casa’ seja verdadeira no presente. Desse modo, (19a) possui perspectiva temporal presente e orientação temporal presente. Por outro lado, em (19b), o falante afirma que, com base nas leis válidas no passado, as pessoas podiam fumar dentro de estabelecimentos fechados concomitantemente ao tempo em que as leis estão sendo consideradas. Dessa forma, (19b) possui perspectiva temporal passado e orientação temporal presente.

- (19) a. As luzes estão acesas, João pode estar em casa agora.
b. Não havia regulamento no passado de modo que as pessoas podiam fumar dentro de estabelecimentos fechados naquela época.

³ Um(a) parecerista anônimo(a) questiona se o ‘poder’ continua sendo fraco em construções como “Pode tirar o cavalinho da chuva” e “Pode sair daqui!”. Nesse caso, temos uma interação do verbo modal em construções com um valor imperativo, uma vez que “pode sair daqui” parece ser equivalente a “saia daqui”. Esses casos não parecem ser modais declarativos, visto que não se está discutindo a possibilidade de saída, mas fazendo um pedido. Dessa forma, a contribuição modal de ‘pode’ nessas construções é apagada. No momento, não temos uma explicação para qual seria a sua contribuição nessas construções.

Esta seção descreveu os aspectos sintáticos e semânticos que serão considerados na descrição de perigar. A próxima seção discute a metodologia empregada nesta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Primeiramente, fizemos uma pesquisa bibliográfica realizando o levantamento da literatura relevante. Pesquisamos os termos ‘periga’, ‘perigar’ e ‘verbo perigar’ associados a outros termos chave como ‘modalidade’, ‘modalidade epistêmica’, ‘sintaxe’ e ‘semântica formal’. Essa pesquisa foi realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e também buscamos por artigos no Google Scholar e na Scielo. Não foram encontrados trabalhos anteriores sobre o verbo ‘perigar’. Na ausência de descrições prévias, adotamos descrições de outros verbos que expressam modalidade proveniente tanto da cartografia sintática quanto da semântica formal.

Após a pesquisa bibliográfica, realizamos a coleta e análise de dados. Essa coleta e análise foram realizadas em duas etapas: (i) coleta e análise de dados naturalísticos/espontâneos em redes sociais e (ii) realização de testes sintáticos e semânticos seguindo o método introspectivo. A primeira etapa consistiu na coleta de dados naturalísticos/espontâneos em *posts* abertos da rede social *Facebook*. Essa coleta resultou em um banco de dados contendo cem sentenças com o verbo ‘perigar’. A escolha por dados naturalísticos/espontâneos está baseada no fato de que eles permitem uma amostragem do fenômeno mais diversificada, evitando que a análise fique restrita à variedade do português falado pelas pessoas pesquisadoras. A rede social *Facebook* foi escolhida para a coleta dos dados, uma vez que o caráter informal das discussões em redes sociais poderia favorecer o uso de ‘perigar’ e também pela facilidade de pesquisar itens lexicais usados em postagens públicas.

As sentenças contendo ‘perigar’ foram analisadas e classificadas morfossintaticamente e semanticamente de acordo com: (i) a morfologia Tempo, Aspecto e Modo (TAM) presente no verbo; (ii) a perspectiva temporal; (iii) a orientação temporal; (iv) o sujeito da encaixada; (v) o alicamento de sujeito; (vi) o tipo de complemento; (vii) o tipo de modalidade; (viii) a força modal e, por fim; (ix) o sentimento associado à proposição no escopo de ‘perigar’. A classificação dos dados está ilustrada nos exemplos em (20):

(20) a. Periga [virar moda]

Tempo	Presente do indicativo	Perspectiva temporal	presente	Orientação temporal	futuro
Sujeito encaixada	<i>ec (empty category)</i>	Alicamento	não	Complemento	InfP
Modalidade	Epistêmica	Força modal	fraca	Sentimento	negativo

(20) b. Perigava [compreender mais do que quem se gaba em ter pós-doc em Shakespeare pela Cultura Inglesa].

Tempo	Pretérito imperfeito do indicativo	Perspectiva temporal	passado	Orientação temporal	futuro
Sujeito encaixada	<i>ec</i>	Alicamento	não	Complemento	InfP
Modalidade	Epistêmica	Força modal	fraca	Sentimento	positivo

(20) c. Periga [a nossa língua estar diabética].

Tempo	Presente do indicativo	Perspectiva temporal	presente	Orientação temporal	presente
Sujeito encaixada	explícito	Alçamento	não	Complemento	InfP
Modalidade	Epistêmica	Força modal	fraca	Sentimento	negativo

(20) d. O país de Tom Jobin e Villa lobos periga [ter Anitta tocando na abertura dos Jogos olímpicos].

Tempo	Presente do indicativo	Perspectiva temporal	presente	Orientação temporal	futuro
Sujeito encaixada	ec	Alçamento	sim	Complemento	InfP
Modalidade	Epistêmica	Força modal	fraca	Sentimento	negativo

(20) e. Pelas capas tenho a impressão que periga em [ter uma surpresa positiva].

Tempo	Presente do indicativo	Perspectiva temporal	presente	Orientação temporal	futuro
Sujeito encaixada	ec	Alçamento	não	Complemento	em InfP
Modalidade	Epistêmica	Força modal	fraca	Sentimento	positivo

A partir do comportamento do verbo observado na classificação exibida em (20), formulou-se hipóteses sobre as características sintáticas e semânticas desse verbo. Para testá-las, aplicamos diversos testes sintáticos e semânticos, empregando o método introspectivo. Os testes sintáticos foram embasados na cartografia sintática (Cinque, 1999, 2006; Cinque; Rizzi, 2008; Drubig, 2001; Tsai, 2015), e o objetivo consistiu em determinar se ‘perigar’ é um verbo auxiliar modal ou um verbo lexical. Já os testes semânticos foram embasados na semântica formal (Kratzer, 1977; Condoravdi, 2002), e o objetivo foi determinar quais aspectos dos sentidos associados à modalidade (tipo de modalidade e força modal) o verbo ‘perigar’ codifica lexicalmente. Vamos explorar os resultados desses testes na próxima seção.

4 ANÁLISE

4.1 ASPECTOS SINTÁTICOS

Para depreender propriedades funcionais ou lexicais no verbo ‘perigar’, nossa análise, na perspectiva sintática, adotou a metodologia de realização de testes de precedência e transitividade, à semelhança dos propostos por Cinque (1999, 2006), com o emprego das categorias *TP(Past)*, *AspProgressive*, *AspRepetitive*, *ModRoot* e *negação*, comparando os resultados com os do verbo epistêmico ‘poder’, que exibe propriedades de núcleo funcional.

As sentenças dos exemplos (21) e (22), a seguir, mostram que ‘perigar’ se diferencia do ‘poder’ epistêmico na interação com a categoria tempo.

- (21) a. O terceiro álbum do grupo carioca Do Amor *periga* se chamar “Faces”.
 b. O terceiro álbum do grupo carioca Do Amor *perigou* se chamar “Faces”.
- (22) a. O terceiro álbum do grupo carioca Do Amor *pode* se chamar “Faces”.
 b. #O terceiro álbum do grupo carioca Do Amor *pôde* se chamar “Faces”.

A sentença (21b) mostra que ‘perigar’ se flexiona no tempo passado e no aspecto perfectivo, revelando que tal verbo ocupa uma posição abaixo do núcleo *TP(Past)* na estrutura da sentença. Já ‘poder’, quando incorpora tais marcas, deixa de disponibilizar a leitura epistêmica, indicando que o núcleo funcional epistêmico está em posição alta na estrutura, acima do núcleo *TP(Past)*. Em (23), está transcrita uma parte relevante para este estudo da hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque (1999):

- (23) Mood_{speech act} > Mood_{evaluative} > Mood_{evidential} > **Mod_{epistemic}** > **TP(Past)** >
 T(Future) > Mood_{irrealis} > Asp_{habitual} > **AspP_{repetitive}** > T(Anterior) > **Asp_{perfect}** > Asp_{retrospective} > Asp_{durative} > **Asp_{progressive}** >
 Asp_{prospective} / **Mod_{root}** > Voice Asp_{celerative} > Asp_{completive} > Asp_{(semel)repetitive} > Asp_{iterative}...
- (Cinque, 1999, p. 76, grifo nosso)

O ordenamento dos núcleos mostrado em (23) revela que o núcleo epistêmico está acima de *TP(Past)*, não admitindo, portanto, flexão no tempo. Verbos abaixo de *TP(Past)* admitem tal flexão, como é o caso de ‘perigar’. Note que não há, na hierarquia de núcleos funcionais, uma posição abaixo de *TP(Past)* correspondente a um núcleo modal epistêmico, sugerindo que ‘perigar’ corresponde a um verbo lexical.

Em relação ao complemento, o verbo ‘perigar’ subcategoriza InfP e CP, enquanto o auxiliar modal ‘poder’ subcategoriza apenas InfP:

- (24) a. Periga eu [_{InfP} levar vaia.]
 b. Periga [_{CP} que eu leve vaia.]
- (25) a. Eu posso [_{InfP} levar vaia.]
 b. *Eu posso [_{CP} que eu leve vaia.]

Predicados lexicais e funcionais subcategorizam um InfP, mas somente predicados lexicais subcategorizam um CP.⁴ A boa formação da sentença (24b) revela propriedades lexicais no verbo ‘perigar’, uma vez que CPs constituem argumentos. Já ‘poder’ não admite CP nessa posição, como mostra a má-formação de (25b), conforme o esperado de um predicado funcional. Convém ressaltar que, embora ‘perigar’ figure tanto com complemento InfP quanto com CP, os dados coletados para esta pesquisa revelaram uma preferência de ‘perigar’ por complementos InfP, como ilustrado no gráfico abaixo.

⁴ Um(a) parecerista questiona o que acontece em enunciados como “vai que dá certo”. Nesse exemplo, o ‘vai que’ poderia ser considerado um contraexemplo, pois ‘vai’ seria um item funcional subcategorizando um CP no qual ‘que’ ocuparia o núcleo, conforme Dearnas (2024). No entanto, em nossa análise, assumimos que ‘vai que’ se comporta como um único item funcional gramaticalizando um núcleo na periferia esquerda da sentença na configuração de Rizzi e Bocci (2017), ou seja, ‘vai que’ não subcategoriza CP em nossa proposta (cf., Ferreira, L. F.; Rech, 2024) e não constitui um contraexemplo para a análise que apresentamos aqui.

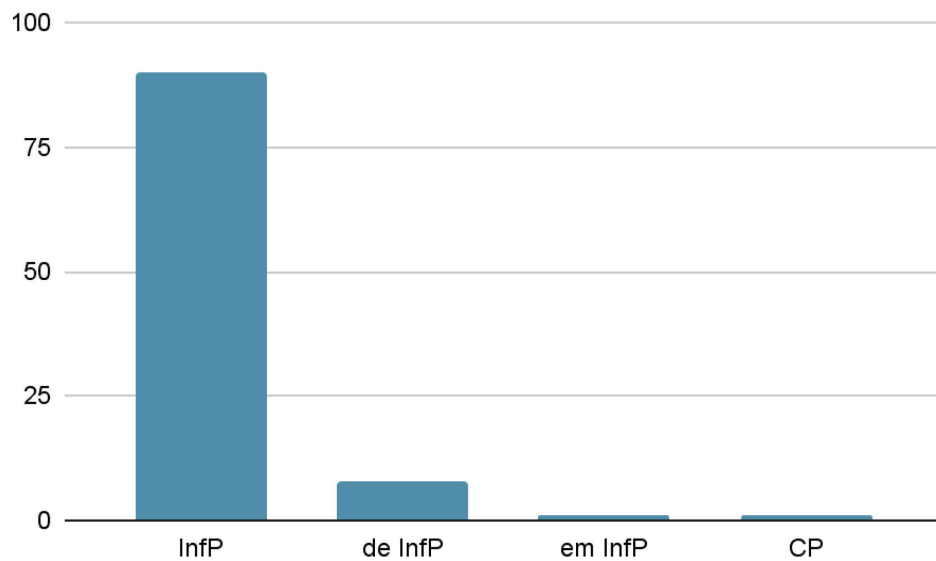


Gráfico 1: Complementos de “perigar”

Fonte: dos autores

Dos cem dados naturalísticos de redes sociais coletados, noventa têm como complemento [InfP], como exposto em (26a), oito têm como complemento [de InfP], como ilustrado em (26b), um tem como complemento [em InfP], como apresentado em (26c), e um tem como complemento [CP], como exibido em (26d).

- (26)
- a. Periga [_{InfP} o morro deslizar].
 - b. Periga [_{PP} de [_{InfP} o Geno querer pagar isso ao negacionista burro]].
 - c. Pelas capas tenho a impressão que periga [_{PP} em [_{InfP} ter uma surpresa positiva]].
 - d. Periga [_{CP} que eu vou dar bola pra essas notícias.]

Como pode ser observado em (26b-c), há uma variação no emprego de preposições associadas ao complemento de ‘perigar’. Outro aspecto sintático analisado foi a posição de sujeito. Os dados revelaram dois padrões, um no qual o sujeito permanece *in situ* na subordinada, como ilustrado em (27), e um segundo no qual há um sujeito explícito em ‘perigar’, mas ele, na verdade, é argumento do predicado encaixado, que foi alçado para a principal, como demonstrado em (28).

- (27) Periga [ela desistir].

- (28) [Essa eleição]_i periga [_{t_i} ser uma disputa entre quem é mais covarde].

Apesar de ambos os padrões observados em (27-28) serem atestados, os nossos dados naturalísticos mostram uma forte tendência de o sujeito da encaixada permanecer *in situ*, não alçar para a matriz, como ilustrado abaixo.

Alçamento do sujeito

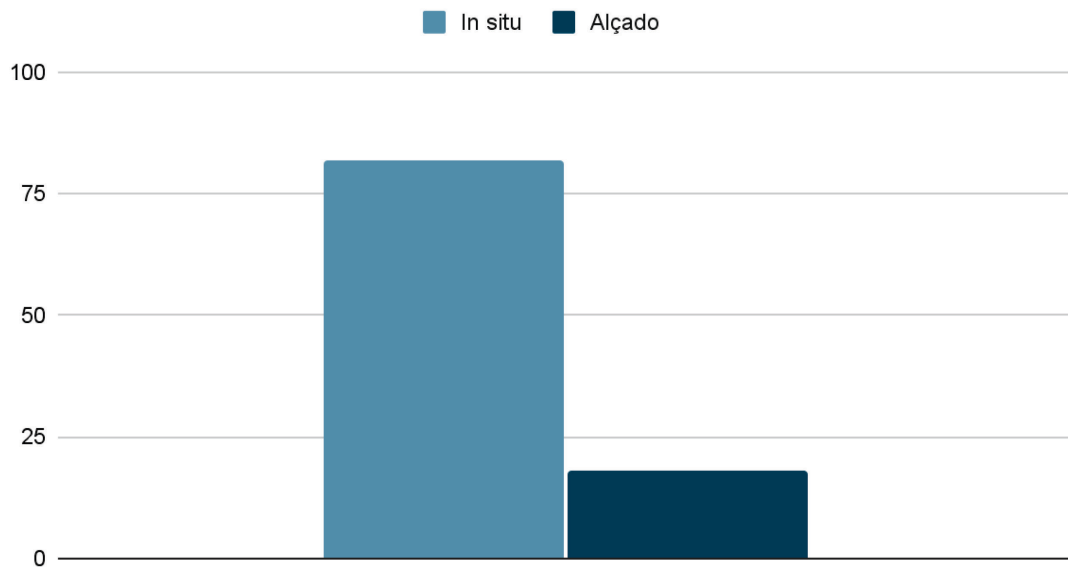


Gráfico 2: Alçamento do sujeito

Fonte: dos autores

Dos cem dados analisados com ‘perigar’, em apenas dezoito foi realizado o alçamento do DP argumento do predicado encaixado para a posição de sujeito da sentença matriz. Mesmo com esse baixo índice, esse fenômeno revela-se importante, por se opor ao que ocorre em construções com o auxiliar modal ‘poder’, com o qual o alçamento é obrigatório, como apresentado em (30):

- (29) a. Periga [ele vetar.]⁵
b. [Ele]_i periga [_{t_i} vetar.]

- (30) a. *Pode [ele vetar.]
b. [Ele]_i pode [_{t_i} vetar.]

O alçamento do DP com ‘perigar’ é motivado, provavelmente, pela marcação de caso. Temos por hipótese que ‘perigar’, à semelhança de ‘parecer’, constitui um predicado inacusativo. Dessa forma, não marca com caso o DP na posição de seu complemento. Com o verbo ‘poder’, não há opcionalidade, o alçamento do DP é obrigatório, como evidencia o contraste de gramaticalidade entre as sentenças (30a) e (30b). Isso ocorre porque ‘poder’ é um núcleo funcional; logo, (30b) corresponde a um único domínio oracional.

Os exemplos de (31) a (34), a seguir, mostram a interação dos verbos ‘perigar’ e ‘poder’ com os núcleos aspectuais progressivo e repetitivo, respectivamente. Esses núcleos ocupam posições intermediárias na hierarquia de núcleos funcionais (Cinque, 1999, 2006), seguindo o núcleo modal epistêmico (*ModPEpistemic*) e antecedendo os núcleos modais de raiz (*ModRoot*) – ver parte da hierarquia de núcleos funcionais transcrita em (23) acima.

Iniciamos com a interação dos verbos ‘perigar’ e ‘poder’ com o núcleo aspectual progressivo:

- (31) a. Periga ela desistir.
b. Está perigando ela desistir.

⁵ É possível também ocorrer no domínio encaixado com forma flexionada de infinitivo:

(i) Periga eles vetarem.

- (32) a. Ela pode desistir.
b. #Ela está podendo desistir.

A flexão no aspecto progressivo indica que o verbo está em uma posição baixa na estrutura, ou corresponde a um núcleo modal de raiz ou a um predicado lexical. (31b) mostra que ‘perigar’ admite a perífrase progressiva, dando indício de que esse verbo corresponde a um predicado lexical, já que o núcleo funcional epistêmico ocupa posição alta. A sentença (32b) evidencia que a flexão no progressivo é possível com ‘poder’, mas este deixa de denotar a modalidade epistêmica, disponível em (32a). O contraste no comportamento dos verbos epistêmicos ‘perigar’ e ‘poder’ em relação à flexão no progressivo aponta para posições distintas na estrutura: o primeiro, baixo; o segundo, alto.

Os exemplos (33) e (34) indicam o comportamento de ‘perigar’ e ‘poder’ na interação com o núcleo aspectual repetitivo:

- (33) a. Bolsonaro periga ganhar as eleições.
b. Bolsonaro voltou a perigar ganhar as eleições.
- (34) a. Bolsonaro pode ganhar as eleições.
b. #Bolsonaro voltou a poder ganhar as eleições.

A sentença (33b) mostra que ‘perigar’ está sob o escopo do núcleo aspectual repetitivo, dando evidências de que ocupa posição baixa na estrutura; já a sentença (34b) revela que ‘poder’ com interpretação epistêmica não está sob o escopo desse núcleo aspectual. Note que ‘poder’ segue o aspectual repetitivo ‘voltar a’, mas, à semelhança do que acontece na interação com o núcleo aspectual progressivo, a interpretação epistêmica não está mais disponível. Nesse caso, ‘poder’ corresponde unicamente a um núcleo modal de raiz, que ocupa posição baixa na estrutura, seguindo os aspectuais progressivo e repetitivo.

Por ocuparem diferentes posições na estrutura da sentença, um auxiliar modal epistêmico pode coocorrer com um modal de raiz. Se ‘perigar’ correspondesse a um núcleo funcional epistêmico, seria esperado que formasse sequência com outro item modal, com interpretação de raiz; como parece não corresponder, é esperado que não forme sequência com outros itens funcionais modais. As sentenças a seguir apontam esse teste:

- (35) a. Periga ele ter que trabalhar no domingo.
b. Ele periga ter que trabalhar no domingo.
- (36) a. *Pode ele ter que trabalhar no domingo.
b. Ele pode ter que trabalhar no domingo.

Em (35a), não há alçamento do DP para a posição de sujeito da sentença matriz; como consequência, os itens modais ‘perigar’ e ‘ter que’ não estão justapostos. Já em (35b), ocorre alçamento, o que resulta na sequência dos itens modais. Cabe observar, entretanto, que ‘perigar’ e ‘ter que’ não se projetam em um mesmo domínio oracional, como atesta o desenvolvimento da oração infinitiva em um CP: Periga [CP que ele tenha que trabalhar no domingo]. Supomos que ‘perigar’ corresponda a um verbo inacusativo que seleciona um InfP ou um CP como seu complemento. Com o alçamento do DP, em (35b), é formada a sequência de modais: *periga > ter que*. Tais verbos estão em diferentes domínios oracionais; logo, não temos em (35b) uma evidência de que ‘perigar’ corresponde a um núcleo funcional epistêmico, antecedendo o modal de raiz ‘ter que’. A má-formação de (36a) é devido ao não alçamento do DP para a posição de sujeito do verbo ‘poder’. Como ‘poder’ corresponde a um núcleo funcional – assim como ‘ter que’, o alçamento do DP é obrigatório, resultando na coocorrência de modais, com um núcleo modal epistêmico (alto) antecedendo um núcleo modal de raiz (baixo) em um mesmo domínio oracional.

Por fim, apresentamos o comportamento dos verbos ‘perigar’ e ‘poder’ quando interagem com a negação.

- (37) a. Periga você não fazer papel de ridículo.

b. Não periga você fazer papel de ridículo.

- (38) a. Você pode não fazer papel de ridículo.
b. #Você não pode fazer papel de ridículo.

Tsai (2015) e Drubig (2001)⁶ testam os modais com a negação e localizam este núcleo sob o escopo do modal epistêmico, já que, na sequência da negação, a leitura epistêmica não é disponibilizada a um auxiliar modal. Na sentença (37b), se nega a possibilidade epistêmica, indicando que ‘perigar’ ocupa posição baixa na estrutura, sob o escopo da negação. (38b) mostra que a leitura epistêmica, associada ao verbo ‘poder’ em (38a), não está mais disponível quando este se encontra sob o escopo da negação. Isso é uma evidência de que o ‘poder’ epistêmico, diferentemente do ‘perigar’, ocupa uma posição acima da categoria da negação.

O resultado dos testes indicaram que ‘perigar’ se afasta de ‘poder’, constituindo um predicado epistêmico lexical com propriedades inacusativas, cujo sentido é o de, de acordo com os conhecimentos do falante, *corre risco/há um perigo* de um evento acontecer, podendo ter conotação negativa, positiva ou neutra. O comportamento de ‘perigar’ se assemelha, portanto, ao de *parecer*, verbo epistêmico lexical igualmente com propriedades inacusativas, com o diferencial de admitir SC como complemento, além de InfP e CP.

4.2 ASPECTOS SEMÂNTICOS

A descrição semântica de itens modais geralmente contempla quatro aspectos: (i) a perspectiva temporal; (ii) a orientação temporal; (iii) o tipo de modalidade e; (iv) a força modal. Nesta seção, discutiremos esses quatro aspectos do verbo ‘perigar’, além de discutir a hipótese de que esse verbo indica um sentido negativo para a proposição que está no escopo do verbo.

A perspectiva e a orientação temporal interagem diretamente com os morfemas de tempo, aspecto e modo. Em nossos dados naturalísticos, a maior parte dos dados (85%) foi no presente do indicativo e tivemos um percentual menor no pretérito imperfeito (15%), como ilustrado no gráfico abaixo.

⁶ Tsai (2015, p. 12) postula que o modal epistêmico está acima da marcação de negação de sentenças *realis* (*mei*) e abaixo da marcação de negação em sentenças *irrealis* (*bu*).

a. Akiu bu yiding^E bu jin xiancheng. [Neg^{Int} + epistemics + Neg^{Int}]
Akiu not surely not enter town
'É incerto que Akiu não irá entrar na cidade.'
b. * Akiu mei yiding^E bu jin xiancheng. [*Neg^{Rea} + epistemics + Neg^{Int}]
Akiu have.not surely not enter town
'É incerto que Akiu não entrará na cidade.'

A partir de testes com sentenças com auxiliares modais e itens de polaridade negativa, Drubig (2001, p. 8) localiza os epistêmicos acima da negação:

a. John may never leave early.
John pode nunca sair cedo.
b. Never may John leave early.
Nunca pode John sair cedo.
c. John never may leave early.
John nunca pode sair cedo.

Tempo de 'perigar'

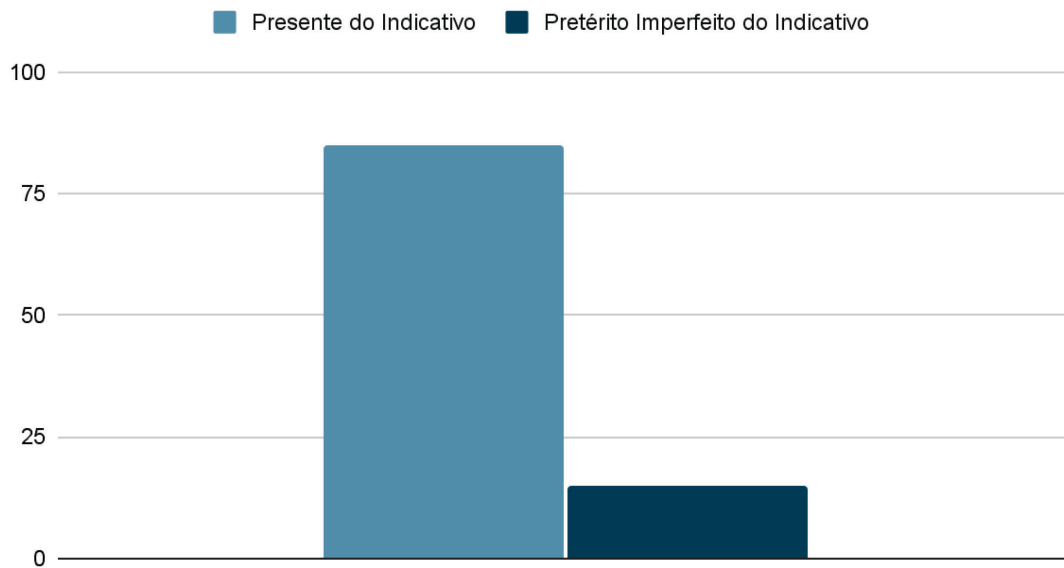


Gráfico 3: Tempo de 'perigar'

Fonte: dos autores

Em nossos dados do presente do indicativo, a perspectiva temporal é presente, ou seja, se considera as possibilidades de acordo com evidências no presente, como pode ser observado em (39). Já em relação à orientação temporal, ela varia entre futuro e presente. Quando o verbo no complemento de 'perigar' descrever um evento ou processo, como 'deslizar' em (39a), 'cair' em (39b) e 'desandar' em (39c), a orientação temporal é futuro, ou seja, o evento está no futuro em relação a quando essa possibilidade está sendo considerada. Isso pode ser observado parafraseando (39a) como '(com base nas evidências que tenho no presente) periga o morro deslizar (no futuro)'.

- (39)
- a. Periga [o morro deslizar].
 - b. Periga [cair].
 - c. Periga [tudo desandar].

Por outro lado, quando o verbo no complemento de 'perigar' for um estado, como 'estar' em (40a), 'ser' em (40b) e 'ter' em (40c), a orientação temporal é presente, ou seja, o evento está no presente em relação a quando essa possibilidade está sendo considerada. Isso pode ser observado parafraseando (40a) como '(com base nas evidências que tenho no presente) periga a nossa língua estar diabética (no presente)'.

- (40)
- a. Periga [a nossa língua estar diabética].
 - b. Periga [ser o fim da própria espécie por uma desastrosa concentração de renda que ameaça os recursos naturais].
 - c. Periga [ter] (enunciado em um contexto no qual a dona de uma loja de roupas estimula que os clientes perguntem se ela tem certas peças).

Já nos nossos dados do pretérito imperfeito do indicativo, a perspectiva temporal é passado, ou seja, se considera as possibilidades de acordo com evidências no passado, como pode ser observado em (41). A sentença (41a) foi empregada em uma postagem em que o autor menciona a sua insegurança perto de um cachorro pela possibilidade de ele levar uma mordida. Então, (41a) poderia ser parafraseada como '(com base nas evidências que tinha naquele momento no passado) perigava ele morder de verdade'. A sentença (41b) foi empregada em uma postagem em que se discute um receio de certo candidato ganhar. Então, (41b) poderia ser parafraseada como '(com base nas evidências que tinha naquele momento da eleição no passado) perigava ele ganhar'. Por fim, a sentença (41c)

provém de uma postagem que discute a possibilidade de o carro tombar no passado, podendo ser parafraseada como ‘(com base nas evidências que tinha naquele momento no passado) perigava tombar o carro’.

- (41) a. **Perigava** [ele morder de verdade].
 b. **Perigava** [ele ganhar].
 c. **Perigava** [tombar o carro].

Isso mostra que o papel do morfema de tempo no verbo ‘perigar’ é deslocar a perspectiva temporal. Quando o verbo está no presente, como em (39-40), a perspectiva temporal está no presente. Já quando o verbo está no pretérito, como em (41), a perspectiva temporal está no passado. Já a orientação temporal varia entre presente e futuro, a depender se o predicado é um estado ou evento/processo, conforme ilustrado pelo contraste entre (39) e (40).

Em relação ao tipo de modalidade, todos os dados naturalísticos de ‘perigar’ coletados por esta pesquisa expressam exclusivamente a modalidade epistêmica. Dessa forma, oposto ao que ocorre com os verbos auxiliares modais, o tipo de modalidade em ‘perigar’ não é determinado pelo contexto, mas faz parte do sentido semântico. Uma evidência de que esse verbo expressa exclusivamente modalidade epistêmica é que seu uso não é feliz em contextos com outras modalidades, como demonstrado em (42).

- (42) a. João completou dezoito anos hoje. De acordo com as leis, ele pode/#periga dirigir.
 b. Depois de quatro anos de curso, João pode/#periga falar alemão.
 c. Estou sem carro hoje, João bem que podia/#perigava nos dar uma carona.
 d. O carro estava quebrado até semana passada, mas essa semana já foi concertado e João já pode/#periga dirigir.

Em (42a), vemos que o uso de ‘perigar’ não é feliz em um contexto de modalidade deontica. Em (42b), vemos que o uso de ‘perigar’ não é feliz em um contexto de modalidade habilitativa. Em (42c), vemos que o uso de ‘perigar’ não é feliz em um contexto de modalidade bulética. Por fim, em (42d), vemos que o uso de ‘perigar’ não é feliz em um contexto de modalidade circunstancial. Dessa forma, assumimos que o tipo de modalidade expresso é semântico e está lexicalizado em ‘perigar’ e, por esse motivo, gera estranheza quando esse verbo é empregado em contextos que expressam outras modalidades, como os ilustrados em (42).

O segundo aspecto semântico relevante para a descrição de itens modais é a força modal. A análise de ‘perigar’ feita por esta pesquisa mostrou que esse verbo expressa modalidade fraca. Uma primeira evidência para essa análise é que podemos parafrasear ‘perigar’ em (43a) com ‘É possível que’, como em (43b), mas não podemos parafraseá-lo com ‘É necessário’, como apresentado em (43c). Isso mostra que o sentido de ‘perigar’ está mais próximo de possibilidades do que de necessidades.

- (43) Se eu te disser....
 a. **Periga** você não acreditar em mim.
 b. **É possível que** você não acredite em mim. (paráfrase)
 c. **É necessário que** você não acredite em mim. (#paráfrase)

Uma outra evidência é que verbos que indicam modalidade fraca podem ser empregados para coordenar sentenças com sentidos incompatíveis, sem gerar contradição, como pode ser observado com ‘poder’, exposto em (44a). Já verbos que expressam modalidade forte não podem ser empregados para coordenar sentenças com sentido incompatíveis sem gerar uma contradição, como pode ser observado com ‘dever’, exibido em (44b). O verbo ‘perigar’ pode ser empregado coordenando sentenças com sentidos incompatíveis, como ilustrado em (44c), da mesma forma que ‘poder’. Isso mostra que ‘perigar’ funciona como um modal fraco no português brasileiro, estando mais próximo de possibilidades do que de necessidades.

- (44) a. O Lula **pode** ganhar, mas o Bolsonaro **pode** ganhar também.
 b. ?O Lula **deve** ganhar, mas o Bolsonaro **deve** ganhar também.
 c. O Lula **periga** ganhar, mas o Bolsonaro **periga** ganhar também.

Com base na análise apresentada nesta seção, assumimos que ‘perigar’ possui a denotação ilustrada em (45). Três aspectos importantes do sentido de ‘perigar’ estão representados nessa forma lógica. O primeiro aspecto é que ‘perigar’ toma como argumento apenas uma proposição, como exposto em λp . Nesse sentido, ‘perigar’ é próximo de verbos modais como ‘poder’, ‘dever’ e ‘ter que’ e de outros verbos inacusativos como ‘parecer’, que também podem tomar uma proposição como argumento. O segundo aspecto é que esse verbo realiza uma quantificação existencial sobre mundos possíveis, como evidenciado em $\exists w'$. Nesse sentido, ‘perigar’ é próximo de itens que expressam modalidade fraca, como ‘poder’, ‘possível’, ‘provável’ etc. Por fim, o terceiro aspecto é que ‘perigar’ estabelece uma relação de acessibilidade epistêmica, como ilustrado em $R_{\text{EPIST}}(w, w')$. Isso significa que usamos os nossos conhecimentos/evidências no mundo atual w para acessar aos mundos possíveis w' . Ou seja, o tipo de modalidade está lexicalizado nesse item, diferente do que ocorre com os verbos auxiliares modais.

$$(45) \llbracket \textit{periga} \rrbracket^w = \lambda p. \exists w' [R_{\text{EPIST}}(w, w') \ \& \ w' \in p]$$

Em palavras: ‘Perigar’ toma como argumento uma proposição p e afirma que existem mundos possíveis w' e a relação de acessibilidade aos mundos w' a partir do mundo w é epistêmica (com base nos conhecimentos) e a proposição p é verdadeira nesses mundos w' .

Para finalizar esta subseção sobre aspectos semânticos, discutiremos o sentimento associado ao verbo ‘perigar’. A nossa hipótese inicial era que o sentimento associado ao verbo ‘perigar’ seria exclusivamente negativo, dado que esse verbo deriva do nome ‘perigo’. Se essa hipótese estivesse correta, o sentimento negativo seria parte da semântica desse verbo. No entanto, essa hipótese acabou não sendo corroborada pelos nossos dados. Para a identificação do sentimento negativo, analisamos os itens lexicais empregados na oração subordinada ao verbo ‘perigar’. Por exemplo, os itens ‘roubar’ em (46a), ‘vetar’ em (46b) e ‘piorar’ em (46c) são indícios de que o falante considera a possibilidade como negativa. Além da análise dos itens lexicais, consideramos o contexto geral da postagem (o texto no qual a sentença estava inserida, a imagem que acompanhava o texto, caso houvesse, possíveis indícios de ironia etc.) e, com base nesses elementos contextuais, determinamos se o criador da postagem considerava a proposição no escopo de perigar como negativa ou positiva.

- (46) a. Periga [ele te roubar as pregas].
 b. Periga [ele vetar].
 c. Periga [piorar misturando lama com esse dejetto].

Apesar de o sentimento ser majoritariamente negativo, foram encontrados quatorze dados com sentimento positivo e um dado neutro. A identificação do sentimento positivo ocorreu da mesma forma que o negativo, isto é, pela análise de itens lexicais empregados na oração subordinada ao verbo ‘perigar’. Por exemplo, os itens ‘dar certo’ em (47a), ‘surpresa positiva’ em (47b) e ‘cair na dança’ em (47c) são indícios de que o falante considera a possibilidade como positiva. Aliada à análise dos itens lexicais, foi considerado também o contexto da postagem como um todo.

- (47) a. Perigava até de [fazer dar certo].
 b. Periga em [ter uma surpresa positiva].
 c. Periga [eu cair na dança com eles].

Encontramos também um dado no qual o falante não parecia associar a proposição no escopo de perigar a nenhum sentimento. Em (48), temos um dado no qual o responsável pela postagem descrevia um item que foi encontrado e que havia a possibilidade de ele ser do final da década de 1990. Nessa postagem, o autor da postagem não parecia associar sentimentos positivo ou negativo ao fato de o item ser do final da década de 1990.

- (48) Periga [ser do final da década de 1990].

O gráfico abaixo resume o que identificamos a partir dos nossos dados naturalísticos com a maior parte dos dados (85%) indicando um sentimento negativo em relação à proposição no escopo de ‘perigar’, mas com alguns casos de sentimentos positivos (14%) e apenas um caso de sentimento neutro (1%).

Sentimento

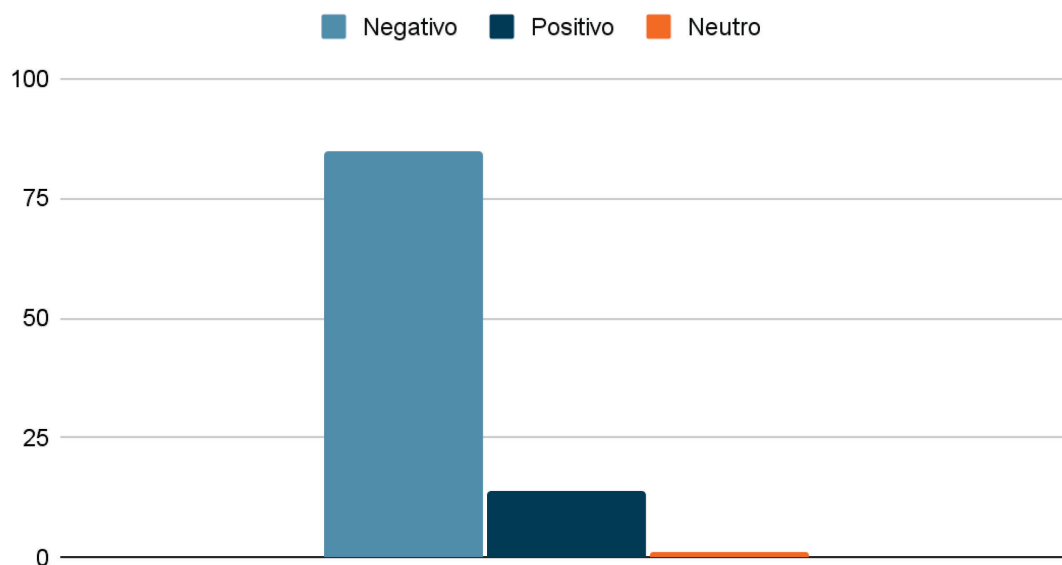


Gráfico 4: Sentimento

Fonte: dos autores

Como vimos na seção 2, ao analisar os modais, Kratzer (1977) considera aspectos do sentido que são constantes como semânticos e aspectos do sentido que variam de acordo com o contexto como pragmáticos. Seguindo essa análise, o fato de o sentimento associado a ‘perigar’ não ser constante, mas mudar de acordo com o contexto, mostra que esse é um aspecto pragmático associado ao sentido de ‘perigar’. Por ser pragmático, esse aspecto do significado não precisa figurar na forma lógica em (45).

Por derivar do nome ‘perigo’, era esperado que ‘perigar’ estivesse associado a um sentido negativo sempre que fosse empregado. A nossa hipótese para explicar por que isso não ocorre é que os usos de ‘perigar’, em um primeiro momento, talvez estivessem associados exclusivamente a um sentido negativo. No entanto, vimos na introdução que ‘perigar’ não é um verbo novo e está no PB pelo menos desde os anos de 1980. Então, esse item pode ter começado como um item negativo, mas passado por uma extensão do sentido, deixando de ser empregado exclusivamente com sentido negativo e passando a ser adotado paulatinamente com o sentido positivo e neutro, como ilustrado no gráfico acima.

Esta subseção abordou os aspectos semânticos de ‘perigar’, discutindo sua orientação temporal, perspectiva temporal, tipo de modalidade, força modal e os sentimentos associados a esse verbo. Vimos que a perspectiva temporal depende da flexão de tempo no verbo, enquanto a orientação temporal depende do tipo de predicado no escopo do verbo. Vimos também que algumas propriedades semânticas se assemelham a de verbos auxiliares modais, como o fato de tomar uma proposição como argumento e realizar uma quantificação existencial; no entanto, ‘perigar’ possui outros aspectos que são mais característicos de verbos de atitude proposicional, como o fato de a modalidade ser codificada lexicalmente e não ser dependente do contexto. Por fim, mostramos que os dados naturalísticos não corroboraram a nossa hipótese inicial, de que ‘perigar’ estaria associado exclusivamente a uma possibilidade que o falante considera negativa. Assim, assumimos que o sentimento negativo é uma implicatura pragmática e não faz parte da denotação semântica, uma vez que o sentimento associado varia de acordo com o contexto.

5 CONCLUSÃO

Os testes sintáticos mostraram que ‘perigar’ se diferencia do verbo auxiliar modal epistêmico ‘poder’ em diversos aspectos. Primeiramente, ‘perigar’ admite flexão no tempo passado e aspecto perfectivo. Uma segunda diferença é que ‘perigar’ subcategoriza complemento CP. Podemos citar também o fato de que ‘perigar’ admite flexão no aspecto progressivo e repetitivo. Por fim, o terceiro aspecto é que ‘perigar’ está sob o escopo da negação. Todos esses aspectos evidenciam como, sintaticamente, ‘perigar’ se distancia de ‘poder’ epistêmico, exibindo propriedades de um verbo lexical inacusativo. Nesse sentido, ‘perigar’ é semelhante ao verbo ‘parecer’.

Em relação aos aspectos semânticos, demonstramos que a orientação temporal depende do tipo de predicado, sendo presente com estados; ou futuro, com eventos e processos. Já a perspectiva temporal depende da morfologia de tempo associada ao verbo ‘perigar’. Ao tratar o tipo e a força modal, indicamos que ‘perigar’ expressa apenas a modalidade epistêmica, assim como ‘achar’ e ‘acreditar’, e que esse é um verbo fraco, tal como ‘poder’. Ou seja, o comportamento semântico de ‘perigar’ guarda semelhanças tanto com verbos auxiliares modais, como ‘poder’, quanto com verbos de atitude proposicional, como ‘achar’. Apontamos também que os nossos dados não corroboram a hipótese inicial, de que ‘perigar’ é usado exclusivamente para expressar sentimento negativo. Dessa forma, assumimos que o sentimento associado a ‘perigar’ depende do contexto, sendo, desse modo, algo pragmático.

REFERÊNCIAS

- CINQUE, G.; RIZZI, L. The cartography of syntactic structures. *STiL: Studies in Linguistics (CISCL Working Papers)*, [s.l.], v. 2, p. 42-58, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285969382_The_Cartography_of_Syntactic_Structures. Acesso em: 09 abr. 2025.
- CINQUE, G. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures*. v. 4. New York: Oxford University Press, 2006.
- CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- DRUBIG, H. B. *On the syntactic form of epistemic modality*. Tübingen: University of Tübingen, 2001. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/169482975/On-the-syntactic-form-of-episte-Hans-Bernhard-Drubig-pdf>. Acesso em 10 out. 2023.
- DEARMAS, J. V. *Modality and counterfactuality in ‘vai que’ type sentences*. Pôster apresentado no XIII Romania Nova, Florianópolis, 2024.
- FERREIRA, L. F.; RECH, N. F. *The verbal construction ‘vai que’ in Brazilian Portuguese*. Trabalho apresentado no XIV Workshop on Formal Linguistics, Rio de Janeiro, 2024.
- FERREIRA, M. Alçamento temporal em complementos infinitivos do português. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 62, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8655883>. Acesso em: 09 abr. 2025.
- HACQUARD, V. Modality. In: VON HEUSINGER, K.; MAIENBORN, C.; PORTNER, P. (ed.). *Semantics*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2011. p. 1484–1515. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/9783110255072.1484/html>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- KRATZER, A. What ‘must’ and ‘can’ must and can mean. *Linguistics and Philosophy*, Dordrecht, v. 1, n. 3, p. 337-355, 1977. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25000968>. Acesso em: 11 abr. 2025.

KRATZER, A. Modality. In: VON STECHOW, A; WUNDERLICH, D. (ed.). *Semantik/Semantics: ein internationales handbuch zeitgenössischer forschung*. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 1991. p. 639-650.

LEWIS, D. *On the plurality of worlds*. Oxford: Blackwell, 1986.

MARQUES, R. Sobre alguns modalizadores de frase epistêmicos e evidênciais. In: *XXVII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA*, 17., 2012, Lisboa. *Textos [...]*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2012. p. 398-415. Disponível em: https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/21_Marques.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

MENDES, J. V. *Interações modal-temporais no português brasileiro*. 2019. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-21052019-125303/pt-br.php>. Acesso em: 09 abr. 2025.

PESSOTTO, A. L. 'Pode' e 'podia': uma proposta semântico-pragmática. *Revista da ABRALIN*, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 11-41, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1053>. Acesso em: 09 abr. 2025.

PESSOTTO, A. L. Epistemic and Gradable Modality in Brazilian Portuguese: a comparative analysis of 'poder', 'dever' and 'ter que'. *ReVEL: Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, [s. l.], v. 12, n. 8, p. 49-75, 2014. Edição especial. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=35>. Acesso em: 09 abr. 2025.

PESSOTTO, A. L. *Força e evidência: uma análise teórico experimental da semântica de 'pode', 'deve' e 'tem que'*. 2015. 275 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135484>. Acesso em: 09 abr. 2025.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; SCARDUELLI, J. A. Explicando as diferenças semânticas entre <i>ter que</i> e <i>dever</i>: uma proposta em semântica de mundos possíveis. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 215-234, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1476>. Acesso em: 09 abr. 2025.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; PESSOTTO, A. L. Wishing it were: podia and the implicature of desire in Brazilian Portuguese. *Proceedings of SULA V – Semantics of Underrepresented Languages in Americas*. Amherst: GLSA, 2010. p. 189-204.

RECH, N. S. F. O processo de auxiliaridade verbal no português brasileiro: uma análise dos modais poder, dever e ter de/que. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 37-51, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v11n2p37>. Acesso em: 09 abr. 2025.

RESENDE, M.; RECH, N. F. Uma análise para os adjetivos em -vel à luz da morfologia distribuída. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 64, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/11739>. Acesso em: 09 abr. 2025.

RECH, N. S. F.; GIACHIN, A. S. As interpretações disponíveis para os modais 'pode' e 'deve' em construções com predicados adjetivais. *ReVEL: Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, [s. l.], v. 12, n. 8, p. 21-49, 2014. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/b70827bd00a000d501b09d5e95d22211.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2025.

RIZZI, L.; BOCCI, G. Left periphery of the clause: primarily illustrated for italian. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. C. (ed.). *The Wiley Blackwell Companion to Syntax*. 2. ed. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2017. p. 579-638.

TOSQUI, P.; LONGO, B. N. O. A distribuição dos advérbios modalizadores na sentença: uma análise de base gerativa. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 85-97, 2003. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4234>. Acesso em: 09 abr. 2025.

TSAL, W-T. D. (ed.). *The cartography of chinese syntax: the cartography of syntactic structures*. vol. 11. New York: Oxford University Press, 2015.



Recebido em 24/10/2023. Aceito em 04/02/2025.

Publicado em 25/06/2025.